

tante a criação de uma especialização vocacionada para os interesses dos futuros licenciados».

**A paixão de ver a realidade através de um aparelho**

ND – Sempre *soube* que seria jornalista?

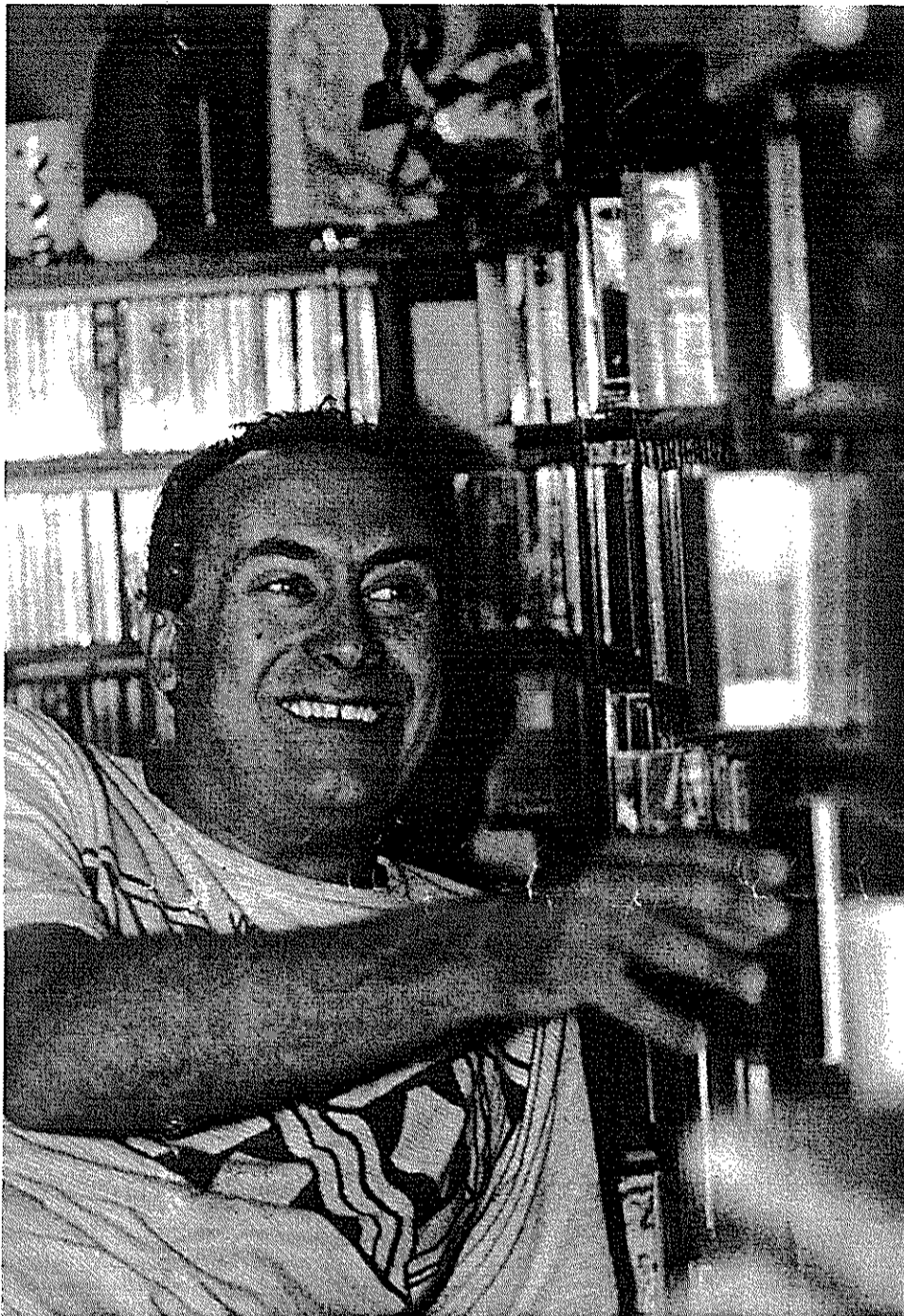
JMS – «Não. Tenho uma história de viajante muito grande. Desde muito novo fui viajante. Tive, então, muitas profissões na Suíça, Alemanha, França, Inglaterra, Brasil, Estados Unidos, de âmbito mais temporário. No Brasil, fui tradutor e intérprete numa plataforma de petróleo; actor num grupo de teatro do qual fui co-fundador, que se chama "Acto" e ainda hoje existe. Tive uma série de actividades ligadas à Arte Dramática. Trabalhei na TV Globo, fiz figurações, algumas pontas (pequenos papéis em telenovelas, por exemplo «Cambalacho»). Particpei num filme, com música do meu amigo Kazuza. E foi numa grande viagem pelo Brasil, ao descobri-lo e ao retratá-lo por imagens e palavras, que encontrei essa vocação. Quando regresssei a Portugal – nessa última viagem tinha o 12.º ano –, como tinha uma capacidade de retórica interessante, achei que poderia ser um bom advogado. Só que havia a questão de justiça e injustiça, que é muito próxima no Direito. Optei pelo jornalismo, pelo lado da criação. Acho que sou uma pessoa criativa. E considero o jornalismo, na vertente em que a apliquei, portanto cultural, uma arte. Uma profissão que tem algo de artístico e cujas regras definidas, como a pirâmide invertida, têm de ser um pouco contrariadas por essa capacidade artística. Passou, então, a ser um sonho a formação. Fiz o curso, na Escola Superior de Jornalismo, com um interregno para ir para a Suíça. Depois, regresssei para dar continuidade e acabei com uma média invulgar para a altura, com 18. Daí ter sido convidado para dar aulas lá. Rapidamente entrei nos quadros do "Jornal de Notícias", na secção de Cultura e Espectáculos, e, a partir daí, desenvolvi a profissão».

ND – E o Fotojornalismo, como é que apareceu essa paixão?

JMS – «O Fotojornalismo está sempre ligado às minhas viagens. Desde miúdo tive uma ligação muito próxima, muito fecunda com o Fotojornalismo. Primeiro como hobby, como uma paixão. A paixão de ver através de um aparelho a realidade. Ou seja, conseguir criar uma realidade paralela à realidade através das imagens fotográficas. Isso era um fascínio. Tu consegues reparar no pormenor do todo e quase tirá-lo do contexto que é a realidade e fazeres dele algo de diferente, inusitado. Tu conservas o que não se repete na existência, como dizia Roland Barthes, para a eternidade. Essa paixão pela fotografia levou a que eu fizesse a monografia na área. Por coincidência ou não, e talvez pela qualidade da própria monografia, é que a Escola me convidou para dar aulas onde desenvolvi essa paixão paralela».

ND – Falou em Roland Barthes. Acha que, como ele mesmo defendia, a pose mata a essência?

JMS – «A proximidade da acção de Robert Capa e o instante decisivo de Henri-Cartier Bresson são atributos técnicos fundamentais para se conseguir uma boa imagem. Prefiro a fotografia sem pose porque é mais natural, mais expressiva. A outra pessoa é mais aquilo que é. Quando ela sabe que está a ser retratada, coloca uma espécie de máscara. Tenta mostrar o que acha que é o lado mais bonito dela, ou o lado mais rude. Isso transforma e,



**«[Sebastião Salgado] Consegue pegar em temas que transportam e carregam dor, sofrimento, mágoa e tristeza e dar-lhes dignidade, dar-lhes esperança. Quando um fotógrafo, um artista, consegue pegar na dor e dar-lhe uma conotação positiva, de facto, merece todo o meu reconhecimento»**

de certa forma, mata aquilo que ela é no interior. Concordo com Roland Barthes, apesar de a perspectiva dele ser uma perspectiva de um não-fotógrafo, diria mesmo, de uma pessoa que tem uma certa relutância em amar a fotografia. E eu amo a fotografia».

**Biografia: uma radiografia da pessoa e do artista**

ND – Escreveu já algumas biografias: Cesária Évora, David Byrne, Júlio Iglésias, Delfins. Qual foi o motivo que o levou a escrever estes livros?

JMS – «Ainda hoje não percebo bem (risos)! Não. Tem a ver com aquilo que eu acho

o lado efémero do jornalismo – apesar da importância que o arquivo representa, o facto de em 2050 alguém ler alguma coisa nossa não é tão efémero como parece – e também com o facto de estar condicionado pelo espaço disponível. Senti que, em algumas entrevistas mais profundas, tinha muito mais para contar. As questões que referi levaram a que eu tivesse uma grande vontade de expor toda a intimidade e conhecimento que tinha de alguns entrevistados. Alguns de quem era confesso admirador, sobretudo o David Byrne. Depois, há uns paradoxos. O Júlio Iglésias é uma pessoa que não admiro pessoalmente. Acho-o divertido, animado, mas como artista não o admiro, diria mesmo, pelo contrário.

Delfins é um caso diferente. É uma biografia muito neutra, muito isenta. Reconheço o papel que têm ou tiveram na música portuguesa, que abriu muitas portas a outras bandas. Mas é isso. É conseguir dar a conhecer um pouco mais da oportunidade que tive de conviver, de alguma forma próxima, com esses retratados. Uma espécie de radiografia do que são como pessoas e como artistas. Eu sou muito de fulgores, de paixões e de entrega às coisas. Escrevi aqueles livros numa entrega muito grande. Às seis da manhã, com o dia a nascer, eu estava a escrever... Totalmente absorvido».

ND – Ao escrever essas biografias, tem que entrar na intimidade das pessoas. Até que ponto isso altera a percepção que tem dos retratados enquanto músicos?

JMS – «São duas coisas indissociáveis, mas, de certa forma, complementares. Uma é aquilo que tu fazes enquanto artista e outra o que tu és enquanto pessoa. Uma é a tua criação e outra é a tua essência. Claro que há a questão da invasão da privacidade das pessoas, em que tenho algumas restrições a nível ético e deontológico. Exponho a Cesária Évora de uma forma muito privada. O Júlio Iglésias mais ainda, porque estive em casa dele; portanto, conto coisas que, provavelmente, ele não gostaria que se soubesse cá fora. Apesar de dar mais ênfase ao lado da obra – procuro ter isso como comando, como esqueleto da estrutura –, isso é indissociável do lado humano. Quem cria o artista é a pessoa. O artista depende da pessoa e, então, de certa forma, ela é revelada, diria mesmo, na intimidade e com alguma violação do lado privado. Mas o jornalista tem muita dificuldade em criar um meio termo, na medida em que as próprias figuras públicas se expõem para aparecerem publicamente. Então, até que ponto é que estás a violar a privacidade ou não?».

ND – Não aconteceu não gostar da música do biografado e isso alterar-se devido a essa entrega que referiu?

JMS – «É engraçado. Fiz a biografia do Júlio Iglésias ao som do próprio Júlio Iglésias. No final, já trauteava as canções (risos)!».

**Quebrar obstáculos na Universidade**

ND – Acredita na astrologia...

JMS – «Sim. Acredito que somos partes de um todo. Acredito mesmo que somos uma espécie de moléculas quase indissociáveis umas das outras. Há é pouca consciência disso. As pessoas cada vez se afastam mais do restante, nomeadamente dos astros e das plantas. Os astros têm influência sobre nós. Por exemplo, a Lua cheia tem, necessariamente, uma influência sobre o teu comportamento. Quando tu nascas sobre os designios de uma determinada lua, de um determinado astro, isso condiciona o teu percurso enquanto ser humano. Que não é definitivo, pois há outras componentes essenciais como a hereditariedade e a educação».

ND – E as relações entre as pessoas, acredita que são mesmo influenciadas pelo facto de se ter nascido sob determinado signo?

JMS – «Sim. Há combinações que são muito mais fecundas. Se há um entrave do âmbito da astrologia, dificilmente essa relação será boa, mesmo que as duas pessoas se amem. Por exemplo, um Escorpião e um Gémeos é difícil, pois um é mais *straight ahead* e outro mais dual. Cria dificuldades num relacionamento de duas pessoas que querem caminhar juntas».

ND – Enquanto professor de Fotojornalismo